



Variação linguística e ensino de Língua Portuguesa: aspectos inovadores na escrita escolar

Linguistic variation and teaching portuguese language: innovative aspects in school writing

Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória¹

RESUMO: Discutimos, neste texto, a contribuição da pesquisa variacionista de base laboviana para o ensino de Língua Portuguesa através da análise de fenômenos linguísticos variáveis na escrita escolar. Nosso principal ponto é mostrar que, durante o processo de ensino/aprendizagem, entram, na escrita escolar, tanto variantes linguísticas que não carregam estigma social quanto variantes que são estigmatizadas socialmente, o que pede que a escola não só reconheça a língua como dotada de uma heterogeneidade ordenada, mas também trabalhe essa heterogeneidade e o valor social das formas variantes. Para a discussão dos dados, focalizamos na análise de quatro fenômenos linguísticos variáveis, a saber, (i) variação *ter, haver e existir*, (ii) *nós e a gente* na posição de sujeito, (iii) concordância verbal com *nós* e (iv) concordância verbal com *a gente*. Dessa forma, consideramos que, para um melhor entendimento desses processos na escola, é preciso que o professor não só reconheça que tanto a língua falada quanto a língua escrita são constituídas discursivamente por formas linguísticas que competem entre si, como também trabalhe essa heterogeneidade linguística.

PALAVRAS-CHAVE: variação linguística; escrita escolar; ensino de língua portuguesa

ABSTRACT: We discuss in this text the contribution of variational research from Labovian basis for the Portuguese Language Teaching through of the analysis of variable linguistics phenomena in the school writing. Our main goal is show that, during the teaching/learning process emerge, in the school writing, both linguistic variants that do not carry social stigma as variants that are socially stigmatized, which asks that the school not only recognizes the language as provided in an orderly heterogeneity, but also work this heterogeneity and the social value of variant forms. For a discussion of data, we focus on the analysis of four variable linguistic phenomena, namely, (i) variation *ter, haver and existir*, (ii) *nós and a gente* in the subject position, (iii) verbal agreement with *nós* and (iv) verbal agreement with *a gente*. Thus, we consider that for a better understanding of these processes in school, it is necessary that the teacher not only recognize

¹ Possui Graduação em Letras pela Universidade Federal do Ceará (2005), Especialização em Linguística e Ensino do Português pela Universidade Federal do Ceará (2006), Mestrado em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas (2008) e Doutorado em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas (2012). Realizou estágio de Pós-Doutorado na Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2013) - PDJ/CNPq e no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas (2014) - PNPd/Capes. Atualmente é professora da Universidade Federal de Alagoas - Campus Sertão e coordenadora do projeto A Língua Usada no Sertão Alagoano - Projeto Lusa. Possui experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística e Teoria e Análise Linguística, atuando principalmente em estudos de variação e mudança morfosintática nas modalidades falada e escrita do português brasileiro.



that both the spoken language as the written language are constituted discursively by linguistic forms that compete with each other, but also to work this linguistic heterogeneity.

KEYWORDS: Linguistic variation; school writing; teaching portuguese language

1. INTRODUÇÃO

A Teoria da Variação e Mudança Linguística, também conhecida como Sociolinguística Variacionista, surge a partir dos trabalhos de Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]) e Labov (2008 [1972]) e trata da variação e da mudança linguística, contemplando os usos variáveis de fenômenos linguísticos em seu contexto social. Tal proposta distancia-se dos estudos linguísticos que consideram a língua como um sistema de normas abstratas, externa ao falante e independente do contexto social e mostra que é na heterogeneidade da língua que se deve buscar a estrutura e o funcionamento desse sistema, defendendo a ideia de que a língua é dotada de uma heterogeneidade sistemática.

Pesquisas linguísticas realizadas sob o arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (Cf. LABOV, 2008 [1972]) têm permitido, desde a década de 1970, descrições sobre diferentes fenômenos linguísticos variáveis nos níveis fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos, discursivos e lexicais em diversas variedades do português brasileiro e nas modalidades falada e escrita, mostrando, assim, que não só há uma distância entre a língua que falamos e a língua que nos serve de modelo no processo de ensino/aprendizagem, como também que fenômenos linguísticos variáveis não estigmatizados na fala entram na escrita brasileira em diversos gêneros textuais.

Ao considerar a língua como objeto social variável, a Sociolinguística também se distancia dos modelos de ensino que adotam uma concepção abstrata e homogênea de língua e postula que o ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa deve levar em consideração todas as variedades sociolinguísticas e não apenas aquele padrão cultuado pela classe social de maior prestígio. Sendo, portanto, tarefa da escola valorizar a multiplicidade linguística da Língua Portuguesa e combater o preconceito linguístico, através do reconhecimento de que a língua é uma atividade social e do trabalho com valor social das formas variantes.

Partindo do pressuposto de que, ao chegar à escola, o aluno já domina sua língua materna, o que o leva a concretizar, na escrita, padrões linguísticos que não condizem com as

normas ensinadas/divulgadas no ambiente escolar, mas que representam a gramática do português brasileiro, abordamos, neste estudo, a realização de fenômenos linguísticos variáveis na escrita escolar. Nosso objetivo é não só analisar se as realizações encontradas em dados de fala são ainda verificadas durante a escolarização, mas também verificar como a escrita tende a inibir formas linguísticas consagradas pelo uso e, ao mesmo tempo, refletir sobre a contribuição das descrições sociolinguísticas para o ensino de Língua Portuguesa.

Para tanto, focalizamos na análise de quatro fenômenos linguísticos variáveis, a saber, (i) variação *ter*, *haver* e *existir*, (ii) *nós* e *a gente* na posição de sujeito, (iii) concordância verbal com *nós* e (iv) concordância verbal com *a gente*. Em relação à variação *ter*, *haver* e *existir* e *nós* e *a gente* não há avaliação social pelos membros da comunidade de fala, o que significa considerar que não há estigma social vinculado ao uso de suas formas variantes. Já o fenômeno relacionado à concordância verbal tanto com *nós* quanto com *a gente* apresenta estigma social, sendo rotuladas como feias as variantes *nós* + 3PS e *a gente* + IPP.

Para a descrição e análise dos dados, utilizamos uma amostra sincrônica composta por 120 produções textuais coletadas no ano de 2007 em uma escola pública localizada na cidade de Maceió/AL. A amostra está estratificada de acordo com as variáveis extralinguísticas sexo/gênero – masculino e feminino – e escolaridade – ensino fundamental – EF (representado pelo 9º ano) e ensino médio – EM (representado pelo 3º ano). Também controlamos, na coleta dos dados, o tema da produção textual, que foi dividido em temas relacionados a experiências pessoais dos alunos e temas não relacionados a tais experiências.²

Nosso trabalho está organizado da seguinte maneira: na próxima seção, abordamos a competição dos verbos *ter*, *haver* e *existir* e os contextos que favorecem a realização do verbo *ter*; em seguida, tratamos da variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito e dos contextos que favorecem a realização do *a gente* pronominal; na seção 3, focalizamos na variação da concordância verbal estabelecida com o pronome *nós* e nos contextos que favorecem a realização de *nós* + 3PS; em seguida, analisamos a concordância verbal estabelecida com o pronome *a gente* e o contexto que favorece a realização de *a gente* + IPP; por fim, fazemos algumas considerações sobre os dados descritos e o papel da Sociolinguística Variacionista.

² Analisamos a variável tema da produção textual com o intuito de checar se temas relacionados a experiências pessoais dos alunos são mais favoráveis às realizações de variantes inovadoras, tendo em vista que Labov (2008 [1972]) pontua que temas que relatam experiências vividas pelos informantes tendem a apresentar um discurso mais livre e espontâneo, favorecendo, assim, o uso de variantes inovadoras.

2. AS CONSTRUÇÕES EXISTENCIAIS COM *TER*, *HAYER* E *EXISTIR*

Estudos sociolinguísticos sobre as construções existenciais nas variedades português brasileiro vêm mostrando que, na língua falada, *ter* é o verbo existencial selecionado, sendo as poucas realizações de *haver* condicionadas ao verbo no tempo passado, ao argumento interno do tipo [+ abstrato], aos falantes mais velhos e mais escolarizados (CALLOU; AVELAR, 2000; DUARTE, 2003; MARTINS; CALLOU, 2003; VITÓRIO, 2011, 2012, 2013). Na língua escrita, por sua vez, *haver* é o verbo existencial canônico, no entanto, estudos de Callou e Duarte (2005), Avelar (2006b) e Vitória (2013) já evidenciam a implementação de *ter* na escrita padrão.

A baixa frequência de *haver* e as restrições ao seu uso em alguns contextos existenciais levam Avelar (2006a) a argumentar que, no português brasileiro falado, *haver* teria deixado de compor o acervo de itens funcionais e migrado sua matriz para o acervo de itens substantivos, residindo ao lado de itens como *existir*, *acontecer*, o que o estaria levando a alguma forma de especialização semântica que abarca a integralidade das construções existenciais, caso que não ocorre com *ter*, que é um verbo semanticamente neutro, não sendo mais possível falar em variação *ter* e *haver* como competição entre duas formas funcionais.

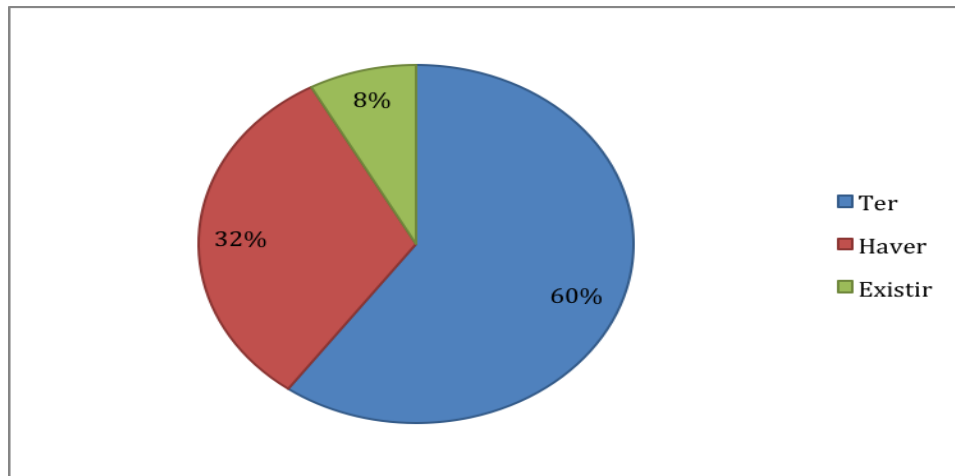
A competição *ter* e *haver* seria, de acordo com Avelar (2006b), “desencadeada pela ‘alimentação’ da **gramática periférica** no processo de escolarização (em oposição à **gramática nuclear**, construída no processo natural de aquisição da linguagem [...])” (p.101), o que não só indicaria que, na gramática internalizada dos falantes do português brasileiro, não haveria tal variação, com o verbo *ter* ocupando o posto de existencial canônico, como também justificaria o alto percentual de *haver* na língua escrita, uma vez que essa modalidade de uso da língua passaria a exercer um papel fundamental na recuperação e manutenção de *haver*.

Em nossa análise, controlamos, além da variável dependente *ter*, *haver* e *existir*, as variáveis independentes tempo verbal, traço semântico do argumento interno, tema da produção textual, sexo/gênero e escolaridade e partimos do pressuposto de que *haver* será o existencial mais frequente, tendo em vista que os textos aqui analisados foram produzidos por alunos mediante certo grau de atenção à escrita, embora não rechace o uso *ter*. Em relação ao uso de *existir*, devido ao seu caráter de verbo existencial substantivo (Cf. AVELAR, 2006a), acreditamos que apresentará uma frequência de uso baixa e constante.

Após a análise dos dados, computamos 99 construções existenciais formadas com os verbos *ter*, *haver* e *existir*, que estão distribuídas da seguinte forma: 59 realizações com *ter*, 32 realizações com *haver* e 8 realizações com *existir*. Esses dados não só representam

percentuais de 60% de *ter*, 32% de *haver* e apenas 8% de *existir*, como observamos no gráfico 1, como também mostram que, na escrita escolar, apesar da pressão normativa em favor do verbo *haver*, *ter* é verbo existencial selecionado, revelando uma mudança na fala que causa efeitos na escrita e não corroborando a nossa hipótese de que *haver* seria o existencial selecionado. O verbo *existir*, como esperávamos, apresenta baixa frequência de uso.

Gráfico 1: Percentuais de *ter*, *haver* e *existir* na escrita escolar



Fonte: Elaborado pela autora.

A preferência por *ter* nas variedades do português brasileiro e a não estigmatização dessa variante parece indicar uma competição, na escrita escolar, entre uma gramática inovadora, fruto do processo de aquisição da linguagem, que seleciona *ter* (VITÓRIO, 2010) e uma gramática conservadora, que elege *haver*, mostrando um conflito entre a gramática que falamos e a gramática que nos serve de modelo no processo de letramento, o que nos remete a discussão de Duarte (2013, p. 15) de que a escrita brasileira “é uma mistura de traços da gramática lusitana [...] somada a traços do português brasileiro que se implementam aos poucos na escrita, substituindo ou competindo com as formas conservadoras”.

No que diz respeito aos grupos de fatores que condicionam as realizações dessas formas verbais na escrita escolar, verificamos, conforme a tabela 1, apenas a relevância das variáveis independentes escolaridade e traço semântico do argumento interno. Nossa hipótese básica para a análise desses grupos de fatores é a de que a variante inovadora *ter existencial* será mais frequente na escrita dos alunos menos escolarizados, diminuindo, assim, o seu percentual de uso à medida que aumento o nível de escolarização dos alunos e quando o argumento interno é do tipo [+ concreto], conforme pontuam os estudos sociolinguísticos.³

³ Por trabalharmos com uma variável dependente ternária – *ter*, *haver* e *existir* – não apresentamos os pesos relativos para as variáveis independentes analisadas.

Tabela 1: Realizações de *ter*, *haver* e *existir* nas variáveis independentes

Grupo de fatores		Ter			Haver			Existir		
		Aplc.	Total	%	Aplc.	Total	%	Aplc.	Total	%
Escolaridade	EF	38	54	71%	12	54	22%	4	54	7%
	EM	21	45	47%	20	45	44%	4	45	9%
Traço semântico	[+ concreto]	31	43	72%	11	43	26%	1	43	2%
	[+ abstrato]	28	56	50%	21	56	37%	7	56	13%

Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação à atuação da variável escolaridade, ao partimos do pressuposto de que a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que a frequentam, constituindo, assim, um grupo social significativo na manutenção ou exclusão das formas gramaticais, acreditamos que a variante inovadora é mais frequente na escrita dos alunos menos escolarizados, hipótese que é confirmada nos dados obtidos. O verbo *ter* apresenta um percentual de 71% no EF e 47% no EM, mostrando que com o aumento do nível de escolarização, há uma diminuição no seu percentual de uso, o que aumenta a realização do verbo *haver*, que passa de 22% no EF para 44% no EM e reforça a hipótese de que quanto mais escolarizado, maior a realização da variante conservadora. O verbo *existir*, por sua vez, apresenta o mesmo comportamento.

No que diz respeito à atuação da variável traço semântico do argumento interno, estudos sociolinguísticos (CALLOU, AVELAR, 2000; DUARTE, 2003; VITÓRIO, 2012; MARINS, 2013) mostram que argumento interno com traço [+ concreto] tende a ser mais favorável à realização da variante inovadora, como observamos em (1), dado que é confirmado em nossa análise. O verbo *ter* apresenta um percentual de 72% quando o argumento interno é do tipo [+ concreto] *versus* 50% quando o argumento interno é do tipo [+ abstrato], ao passo que os verbos *haver* e *existir* apresentam percentuais maiores de realizações quando o argumento interno é do tipo [+ abstrato], apresentando percentuais de 37% e 13%, respectivamente.

(1) Uma das melhores festas que eu fui, foi a da minha prima foi o aniversário de 15 anos, foi quase toda família *tinha uns familiares* que eu nem conhecia foi bom porque os conheci e revi gente que não via há 5 anos até 7 anos foi bom! (EFM)

3. *NÓS* E A *GENTE* NA POSIÇÃO DE SUJEITO

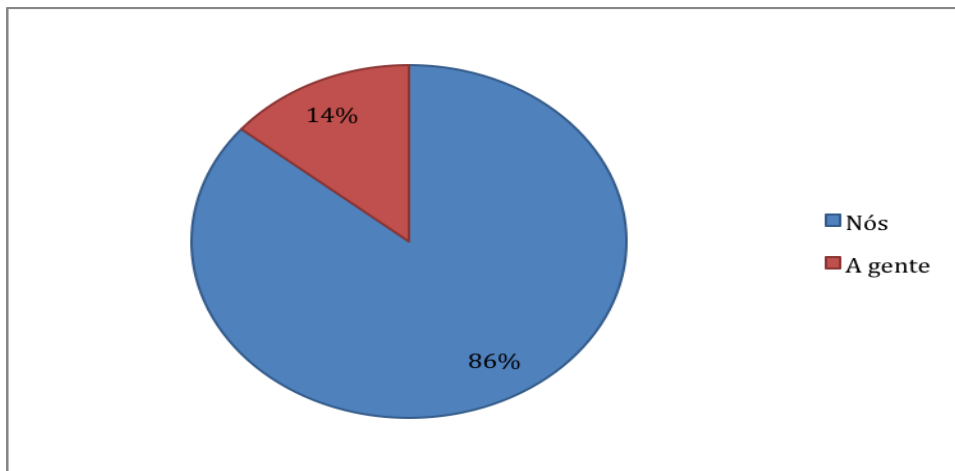
O quadro tradicional dos pronomes pessoais apresentado na maior parte das gramáticas normativas e na maioria dos livros didáticos elege apenas o pronome reto *nós* e os pronomes oblíquos *nos* e *conosco* para a referência à primeira pessoa do plural, aparecendo a forma pronominal *a gente*, consagrada pelo uso linguístico, em notas de rodapé ou em comentários adicionais, relacionada sempre à língua falada ou à linguagem coloquial (LOPES, 2012). Encaixada no sistema linguístico, *a gente* concorre com *nós* na referência à primeira pessoa do plural tanto na posição de sujeito quanto nas posições de complemento e adjunto.

Em relação à variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito, estudos sociolinguísticos mostram que, na língua falada, *a gente* é a forma pronominal selecionada tanto entre os falantes cultos quanto entre os falantes não cultos (OMENA, 2003; LOPES, 1998; 2004; FERNANDES, 2004; ZILLES, 2007), na língua escrita, por sua vez, devido à pressão normativa em favor da variante conservadora, *nós* é o pronome utilizado, mas já é possível encontrar a implementação da forma pronominal *a gente* nessa modalidade de uso da língua (SILVA, 2010; SANTOS; COSTA; SILVA, 2011; BRUSTOLIN, 2011; VITÓRIO, 2015).

Quanto aos fatores linguísticos e sociais que favorecem e desfavorecem as realizações dessas variantes, esses estudos mostram que *a gente* é mais frequente quando há menor diferença fônica entre as formas verbais, quando o traço do referente é [+ indeterminado], em formas verbais menos marcadas, quando o verbo se encontra na terceira pessoa do singular, entre os falantes do sexo feminino, menos escolarizados e nas faixas etárias mais jovens, configurando-se, assim, uma mudança em progresso. Em nossa análise, consideramos as variáveis preenchimento do sujeito, marca morfêmica, paralelismo formal, traço do referente, tempo verbal, saliência fônica, tema da produção textual, escolaridade e sexo/gênero e partimos do pressuposto de que *a gente* apresentará um percentual baixo de realização.

Após a análise dos dados, computamos 242 realizações de *nós* e *a gente*, que estão distribuídas da seguinte forma: 208 realizações de *nós* e 34 realizações de *a gente*. Esses dados não só representam percentuais de 86% de *nós* contra apenas 14% de *a gente*, como observamos no gráfico 2, como também parecem indicar que estamos diante de uma mudança na fala que causa efeitos na escrita, fazendo emergir, na escrita escolar, uma variante consagrada pelo uso linguístico. A baixa frequência de *a gente* pode estar relacionada à pressão normativa em favor de uma norma padrão, tendo em vista que Lopes (2012) pontua que, no ambiente escolar, o pronome *a gente* é tratado como uma variante pertencente à fala.

Gráfico 2: Percentuais de *nós* e *a gente* na escrita escolar



Fonte: Adaptado de Vitório (2015).

No que diz respeito aos grupos de fatores que condicionam as realizações de *nós* e *a gente* na posição de sujeito na escrita escolar, verificamos, conforme tabela 2, a relevância das variáveis independentes paralelismo formal, marca morfêmica, preenchimento do sujeito, tema da produção textual, escolaridade e sexo/gênero. Nossa hipótese básica para a análise desses grupos de fatores é a de que a variante inovadora *a gente* será mais frequente nos seguintes contextos, a saber, *a gente* precedido por *a gente*, *a gente* acompanhado do verbo na 3PS, expressão plena do sujeito pronominal, nas produções textuais que relatam experiências pessoais dos alunos, na escrita de alunos menos escolarizados e do sexo feminino.

Tabela 2: Realizações de *nós* e *a gente* nas variáveis independentes

Grupo de fatores		Nós				A gente			
		Aplc.	Total	%	PR	Aplc.	Total	%	PR
Paralelismo formal	Realização isolada	23	34	94%	.43	2	34	6%	.57
	Primeiro da série	54	59	91%	.34	5	59	9%	.66
	Antecedido por nós	121	122	99%	.85	1	122	1%	.15
	Antecedido por a gente	1	27	4%	.02	26	27	96%	.98
Preenchimento	Sujeito pleno	19	26	73%	.30	7	26	27%	.70
	Sujeito nulo	189	216	88%	.52	27	216	12%	.48
Tema da produção	Pessoal	122	153	80%	.32	31	153	20%	.68
	Não pessoal	86	89	97%	.77	3	89	3%	.23
Escolaridade	EF	64	93	69%	.17	29	93	31%	.83

	EM	144 149 97% .72	5 149 3% .28
Sexo/gênero	Masculino	82 87 94% .70	5 87 6% .30
	Feminino	126 155 81% .38	29 155 19% .62

Fonte: Adaptada de Vitório (2015).

Em relação à variável paralelismo formal, partimos do pressuposto de que a preferência por determinada forma pronominal exercerá influência sobre as demais formas numa dada sequência discursiva (OMENA, 1996, 2003; LOPES, 1998), o que nos leva a considerar que *a gente* será mais frequente quando antecedido por *a gente*. Em nossa análise, verificamos que as poucas realizações da variante inovadora tendem a ser mais frequentes no contexto *a gente* antecedido por *a gente*, como observamos em (2), apresentando um percentual de 96% e um PR de .98, o que nos mostram, conforme esperávamos, que o uso de *a gente* desencadeia uma série de repetições desse pronome na escrita escolar.

(2) [...] depois do show que acabou era 8:30 *a gente* decidiu ir para uma festa que ia ocorrer em outra cidade quando *a gente* chegou lá \emptyset encontrou outras amigas e amigos e \emptyset começou a bater papo, \emptyset dançou. (EFF)

No que diz respeito à variável preenchimento do sujeito, consideramos os fatores sujeito pleno quando *nós* e *a gente* são expressos foneticamente na indicação da primeira pessoa do plural e sujeito nulo quando tais pronomes são indicados por meio da desinência verbal (-*mos* ou \emptyset), sem que haja foneticamente a realização dessas formas pronominais (LOPES, 1998; OMENA, 2003) e partimos do pressuposto de que *a gente* será mais frequente com o pronome expresso. Os resultados mostram que, na escrita escolar, as poucas realizações de *a gente* tendem a ser mais frequentes quando há a realização expressa do sujeito pronominal, como observamos em (3), com um percentual de 27% e um PR de .70 contra 12% e um PR de .48 quando tal pronome não é realizado foneticamente.

(3) *A gente* precisa da bula com mais explicações. (EFF)

Para a análise da variável tema da produção, consideramos, de acordo com Labov (2008 [1972]), que temas que relatam experiências vividas pelos informantes apresentarão um discurso mais livre e espontâneo, favorecendo o uso de variantes inovadoras. Dessa forma, em nossa análise, consideramos temas que relatam experiência pessoais dos alunos e temas que não relatam tais experiências e observamos, de acordo com os dados obtidos, que *a gente*

apresenta um percentual maior de realização nas produções textuais que relatam experiências pessoais dos alunos, como observamos em (4), apresentando um percentual de 20% e um PR de .68 contra apenas 3% e um PR de .23 em temas que não relatam tais experiências.

(4) Estava no show do saia rodada no Jaraguá foi muito divertido tinha muita gente estava lotado mas foi bem legal que não houve brigas e nem tumultos foi bem calma o ruim foi que *a gente* esperou a noite e a madrugada toda pela banda saia rodada. (EFM)

Em relação às variáveis sociais escolaridade e sexo/gênero, não só consideramos que quanto maior o nível de escolarização, menor é o percentual de uso de *a gente*, como também que esse pronome é mais frequente na escrita das alunas, uma vez que estamos diante de uma variante não marcada socialmente. De acordo com os resultados obtidos, verificamos que *a gente* é mais frequente na escrita de alunos do EF – 31% e um PR de .83 *versus* 3% e um PR de .28 no EM, mostrando que com o aumento do nível de escolarização dos alunos, há uma redução no seu percentual de uso e na escrita das meninas – 19% e um PR de .62 contra 6% e um PR de .30 entre os meninos, o que corrobora os estudos sociolinguísticos que mostram que, com o aumento do nível de escolarização, há uma redução no uso de *a gente* e que as mulheres, de modo geral, utilizam mais a variante inovadora.

4. CONCORDÂNCIA VERBAL COM O PRONOME *NÓS*

Embora as gramáticas normativas ainda considerem a concordância verbal como uma regra categórica, estudos sociolinguísticos mostram que, nas variedades do português brasileiro, há um comportamento variável na aplicação da regra da concordância verbal (ZILLES; MAYA; SILVA, 2000; MARCOTULIO; VIANNA; LOPES, 2013; AGOSTINHO; COELHO, 2015). Assim, a concordância verbal estabelecida com o pronome *nós* apresenta além da forma padrão *–mos*, as formas não-padrão *–mo*, com a perda do *–s* que compõe o morfema número-pessoa, e zero *–Ø*, com a omissão do morfema *–mos*.

Esses estudos mostram que o comportamento variável na concordância verbal com o pronome *nós* ocorre tanto na modalidade falada quanto na modalidade escrita, havendo a preferência pelo uso de *nós + IPP* e sendo essa variação condicionada por restrições linguísticas e sociais, a saber, preenchimento do sujeito, paralelismo formal, saliência fônica, tempo verbal, sexo/gênero e escolaridade, com a variante *nós + 3PS* sendo mais frequente

quando o sujeito é realizado foneticamente, em construções em que há a presença do paralelismo formal, quando há menor saliência fônica entre os verbos, nos tempos verbais menos marcados, entre os falantes do sexo masculino e menos escolarizados.

Em nossa análise, consideramos as variantes *nós + IPP* e *nós + 3PS*, como observamos em (5) e (6), respectivamente, e controlamos as variáveis independentes preenchimento do sujeito, tempo verbal, saliência fônica, paralelismo formal, tema da produção textual, escolaridade e sexo/gênero. Nosso intuito é não só verificar se as formas encontradas na língua falada, a saber, *nós + IPP* e *nós + 3PS*, são utilizadas na escrita escolar durante o processo de escolarização, mas também analisar quais os contextos linguísticos e/ou sociais que favorecem as realizações da variante inovadora *nós + 3PS* nos dados analisados.

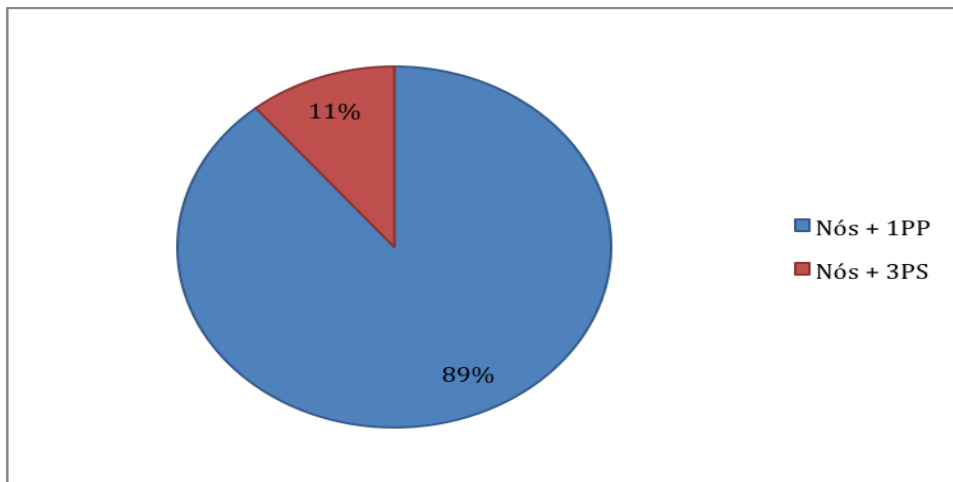
(5) Eu estava em festa de aniversário onde eu encontrei todos os meus velhos amigos.

Todos estavam lá, foi muito legal, *nós brincamos*, \emptyset *dançamos*. (EMM)

(6) É através dela que *nós faz* as redações em vestibulares, concursos, propostas para emprego, etc. (EFF)

Após a análise dos dados, obtivemos 208 realizações de concordância verbal junto com o pronome *nós*, que estão distribuídas da seguinte forma: 185 realizações de *nós + IPP* e 23 realizações de *nós + 3PS*. Esses resultados não só representam percentuais de 89% de *nós + IPP* contra apenas 11% de *nós + 3PS*, como observamos no gráfico 3, como também mostram que apesar da divulgação escolar da norma gramatical de concordância verbal que elege *nós + IPP*, os alunos acabam por concretizar, na escrita escolar, padrões de uso linguístico que não condizem com a norma ensinada/divulgada no ambiente escolar, revelando, assim, uma variação na fala que causa efeitos na escrita e mostrando a entrada, na escrita escolar, de uma variante estigmatizada socialmente.

Gráfico 3: Percentuais de *nós + 1PP* e *nós + 3PS* na escrita escolar



Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação aos grupos de fatores que condicionam as realizações de *nós + 1PP* e *nós + 3PS* na escrita escolar, verificamos, conforme tabela 3, a relevância das variáveis independentes tema da produção textual, escolaridade e sexo/gênero. Nossa hipótese básica para a análise desses grupos de fatores é a de que as poucas realizações da variante inovadora *nós + 3PS* serão mais frequentes nas produções textuais que relatam experiências pessoais dos alunos, na escrita dos alunos menos escolarizados e entre os alunos do sexo masculino, uma vez que estamos diante de uma variação linguística marcada socialmente.

Tabela 3: Realizações de *nós + 1PP* e *nós + 3PS* nas variáveis independentes

Grupo de fatores		Nós + 1PP				Nós + 3PS			
		Aplc.	Total	%	PR	Aplc.	Total	%	PR
Tema da produção	Pessoal	75	90	83%	.36	15	90	17%	.64
	Não pessoal	110	118	93%	.60	8	118	7%	.40
Escolaridade	EF	50	64	78%	.27	14	64	22%	.73
	EM	135	144	94%	.60	9	144	6%	.40
Sexo/gênero	Masculino	70	82	85%	.41	12	82	15%	.59
	Feminino	115	126	91%	.55	11	126	9%	.45

Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados apresentados mostram, conforme esperávamos, que a variante inovadora *nós + 3PS* tende a ser mais frequente nos seguintes contextos: nas produções textuais que relatam

experiências pessoais dos alunos, como observamos em (7), com um percentual de 17% e um PR de .64 contra 7% e um PR de .40 nas produções textuais que não relatam tais experiências; na escrita dos alunos menos escolarizados – EF, com um percentual de 22% e um PR de .73 *versus* 6% e um PR de .40 na escrita de alunos do EM; e entre os meninos, com um percentual de 15% e um PR de .59 contra 9% e um PR de .45 entre as meninas.

(7) Quando eu cheguei na festa, minhas amigas já estavam lá. *Nós* esperamos os comes e bebes e depois Ø foi para o salão dançar e Ø ficou lá até amanhã. (EFF)

Esses resultados não só corroboram a hipótese de Labov (2008 [1972]) de que temas que relatam experiências vividas pelos informantes tendem a apresentar um discurso mais livre e espontâneo, favorecendo, assim, a realização de variantes inovadoras, como também vão ao encontro dos estudos sociolinguísticos que mostram que, com o aumento do nível da escolarização dos alunos, há uma diminuição no uso da variante inovadora *nós + 3PS*, mostrando que a escola constitui um fator social significativo na exclusão de formas variantes e que os falantes do sexo masculino são menos sensíveis ao uso de uma norma padrão.

5. CONCORDÂNCIA VERBAL COM O PRONOME *A GENTE*

Encaixada no sistema linguístico, a forma pronominal *a gente* ocorre nas funções de sujeito, complementos e adjunto e, na posição de sujeito, pode acompanhar o verbo tanto na 3PS quanto na 1PP (RUBIO; GONÇALVES, 2010; MARCOTULIO; VIANNA; LOPES, 2013; AGOSTINHO; COELHO, 2015). Esses estudos mostram que o comportamento variável de *a gente + 3PS* e *a gente + 1PP* é condicionado pelas variáveis independentes tempo verbal, realização do sujeito, saliência fônica, paralelismo formal, escolaridade e sexo/gênero, com a forma *a gente + 3PS* apresentando um percentual maior de realização.

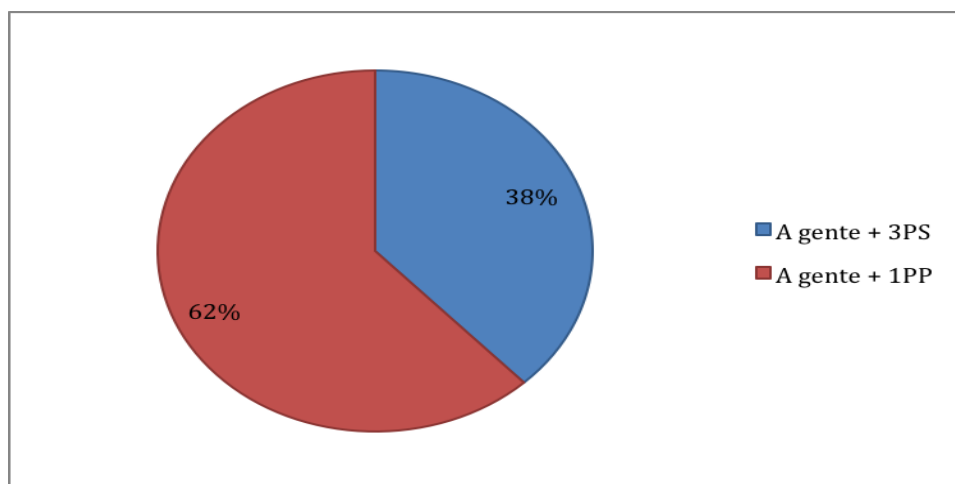
Em nossa análise, não só consideramos as variantes *a gente + 3PS* e *a gente + 1PP*, como observamos em (8) e (9), e partimos do pressuposto de que *agente + 3PS* será a variante selecionada, como também controlamos os grupos de fatores realização do sujeito, tempo verbal, saliência fônica, paralelismo formal, tema da produção textual, escolaridade e sexo/gênero. Nosso intuito é verificar se as formas encontradas na fala, a saber, *a gente + 3PS* e *a gente + 1PP*, são utilizadas na escrita escolar durante o processo de escolarização e quais os contextos linguísticos e/ou sociais favorecem as realizações de *a gente + 1PP*.

(8) A bula deveria ser com letras maiores mais fácil e deveria ser na língua que todos entendessem. *A gente precisa* da bula com mais explicações. (EFF)

(9) As coisas que *a gente falamos* saem da nossa boca correndo sempre. (EMM)

Após análise e rodada dos dados, computamos apenas 34 realizações de concordância verbal com o pronome *a gente* na escrita escolar, que estão distribuídas da seguinte forma: 13 realizações de *a gente + 3PS* e 21 realizações de *a gente + 1PP*. Esses resultados não só representam percentuais de 38% de *a gente + 3PS* versus 62% de *a gente + 1PP*, conforme ilustramos no gráfico 4, como também indicam que as poucas realizações de *a gente* na escrita escolar ocorrem com o verbo na primeira pessoa do plural, contrariando, assim, a nossa hipótese básica de que a variante *a gente + 3PS* seria a forma preferida. Brustolin (2010) também mostra que, na escrita de alunos da cidade Florianópolis, *a gente + 1PP* também é a variante preferida, sendo entendida como um caso de hipercorreção na escrita escolar.

Gráfico 4: Percentuais de *a gente + 3PS* e *a gente + 1PP* na escrita escolar



Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação aos grupos de fatores que condicionam as realizações de *a gente + 1PP* e *a gente + 3PS* na escrita escolar, tendo em vista as poucas realizações de *a gente* nos dados analisados, apenas a variável independente tema da produção textual mostrou-se relevante na análise dos dados. Para a nossa análise, consideramos os fatores temas relacionados a experiências pessoais dos alunos e temas não relacionados a tais experiências e partimos do pressuposto de que a variante *a gente + 1PP* será mais frequente nas produções textuais que relatam experiências vividas pelos alunos, como observamos em (10).

(10) *A gente rimos, Ø brincamos, Ø dançamos* muito (até Ø não querer mais, e quando a gente não quis, Ø *continuamos* dançando do mesmo jeito) ou seja, Ø *fizemos* tudo e mais um pouco que Ø *tínhamos* direito. (EFF)

Tabela 4: Realizações de *a gente + 3PS* e *a gente + 1PP* na variável independente

Grupo de fatores		A gente + 3PS				A gente + 1PP			
		Aplc.	Total	%	PR	Aplc.	Total	%	PR
Tema da produção	Pessoal	10	28	38%	.39	18	28	62%	.61
	Não pessoal	3	6	50%	.50	3	6	50%	.50

Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com os resultados obtidos, verificamos que, das 34 realizações de concordância verbal com a forma pronominal *a gente* analisadas na escrita escolar, 28 realizações ocorreram em produções textuais que relatam experiências pessoais dos alunos e apenas 6 realizações foram produzidas nos textos que não relatam experiências pessoais dos alunos, mostrando, assim, que as produções textuais que relatam histórias vividas pelos alunos são mais favoráveis ao uso da variante inovadora *a gente*. Em relação às realizações de *a gente + 1PP*, confirmamos a nossa hipótese de que essa variante tende a ser mais frequente nas produções textuais que relatam experiências pessoais dos alunos, com um percentual de 62% e um PR de .61 contra 50% e um PR de .50 nos textos que não relatam tais experiências.

6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A língua concebida como objeto social, variável e passível de sistematização constitui a maior contribuição da Teoria da Variação e Mudança Linguística para os estudos da linguagem. Ao adotar essa concepção de língua, os estudos sociolinguísticos partem dos pressupostos de que há diferenças linguísticas entre as normas estabelecidas pelas gramáticas normativas e os reais usos da língua e de que a variação linguística não é aleatória, mas condicionada por restrições linguísticas e extralinguísticas e que o ensino de Língua Portuguesa deve adotar uma metodologia que conceba a língua como sistema heterogêneo.

As pesquisas empreendidas na Sociolinguística Variacionista, referentes à descrição e análise linguística, muito têm contribuído não só para o mapeamento sociolinguístico do

português brasileiro, mas também para o desenvolvimento de políticas educacionais, levando ao ambiente de sala de aula a ideia de que o ensino deve primar por uma abordagem que leve em consideração o funcionamento real da língua, tendo em vista que tanto a língua falada quanto a língua escrita são constituídas discursivamente por formas linguísticas que competem entre si, ou seja, fala e escrita são historicamente situadas e heterogêneas.

É o que podemos observar nos dados apresentados nas seções anteriores, embora sejam textos produzidos mediante certo grau de atenção à escrita, tendo em vista o contexto escolar, verificamos que além das formas consagradas pela norma padrão – *haver existencial*, *nós* na posição de sujeito, *nós* + *IPP*, há as realizações das variantes inovadoras *ter existencial*, *a gente* pronominal, *nós* + *IPP*, *a gente* + *3PS* e *a gente* + *IPP*, revelando uma variação na fala que causa efeitos na escrita e mostrando que tanto formas linguísticas não estigmatizadas quanto formas linguísticas estigmatizadas estão presentes no processo de produção textual.

Nesse contexto, é preciso que haja no ambiente de sala de aula de Língua Portuguesa não só o reconhecimento da heterogeneidade linguística da fala e da escrita, mas também o trabalho, pelo professor, do hiato que há entre a variedade trazida pelo aluno e a norma empregada/ensinada na escola. O professor precisa evitar uma atitude errônea de que a língua é homogênea, sem variação, fazendo, desse espaço, um lugar de discussão que reconheça que não existe a língua “certa” ou “errada”, mas sim diferentes formas de uso da língua, as quais dependem das condições de produção e recepção em que os falantes/alunos estão inseridos.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, S.; COELHO, I. Concordância de 1ª pessoa do plural na escrita escolar. In: ZILLES, A.; FARACO, C. (Orgs.). *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- AVELAR, J. De verbo funcional a verbo substantivo: uma hipótese para a supressão de *haver* no português brasileiro. *Letras de Hoje*, v. 41, n. 1, p. 49-74, 2006a.
- AVELAR, J. Gramática, competição e padrões de variação: casos com *ter/haver* e *de/em* no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, 4, p. 99-144, 2006b.
- BRUSTOLIN, A. Uso e variação de *nós* e *a gente* na fala e escrita de alunos do ensino fundamental. In: *Anais do IX Encontro do CELSUL*. Santa Catarina, 2010.
- CALLOU, D.; AVELAR, J. Sobre *ter* e *haver* em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. *Revista Gragoatá*, n. 9, p. 85-100, 2000.



- CALLOU, D.; DUARTE, E. *A fixação do verbo ter em contextos existenciais*. Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, 2005.
- DUARTE, E. O sujeito expletivo e as construções existenciais. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. São Paulo: 7 Letras, 2003, p. 123-131.
- DUARTE, E. O papel da sociolinguística no (re)conhecimento do português brasileiro e suas implicações para o ensino. *Revista LETRA*, p. 15-10, 2013.
- FERNANDES, E. Fenômeno variável: *nós e a gente*. In: HORA, D. (Org.). *Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa, 2004.
- LABOV, William. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, Christina & TUCKER, Richard. (Org.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwell, p. 235- 250, 2003.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LOPES, C. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. DELTA, v. 14, n. 2, 1998.
- LOPES, C. *A gramaticalização de a gente em português em tempos real de longa e curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos*. Fórum Linguístico, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 47-80, 2004.
- LOPES, C. O quadro dos pronomes pessoais: descompasso entre pesquisa e ensino. *Revista Matraca*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 30, jan./jun. 2012.
- MARCOTULIO, L.; VIANNA, J.; LOPES, C. Agreement patterns with *a gente* in Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistic*, 12-2, p. 125-149, 2013.
- MARINS, J. *As repercussões da remarcação do Parâmetro do Sujeito Nulo: um estudo diacrônico das sentenças existenciais com ter e haver no PB e no PE*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ – FL, 2013.
- MARTINS, L.; CALLOU, D. Mudança em tempo aparente e em tempo real: construções ter/haver existenciais. In: ENCONTRO DO CELSUL, 5, 2003, Curitiba. *Anais...* Curitiba: 2003, p. 820-825.
- OMENA, N. A referencia à primeira pessoa do discurso no plural. In: OLIVEIRA e SILVA, M.; SCHERRE, M. (orgs). *Padrões sociolinguísticos: estudos de fenômenos variáveis do português falado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 1996.
- OMENA, N. A referencia à primeira pessoa do discurso no plural. In: PAIVA, M.; DUARTE, E. (Orgs.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.
- RUBIO, C.; GONÇALVES, S. Opções metodológicas no estudo de fenômenos variáveis relacionados à primeira pessoa do discurso no plural. *Revista Gragoatá*, Niterói, n. 29, . 161-182, 2010.



SANTOS, N.; COSTA, E.; SILVA, F. O uso de “nós” e “a gente” na escrita de estudantes universitários. *Anais do V Forum Identidades e Alteridades*. UFS, Itabaiana, 2011.

SILVA, C. A variação nós e a gente no português carioca. *Revista do Gelne*, v. 12, n.1, p. 67-74, 2010.

VITÓRIO, E. Um estudo sobre a variação ter e haver existenciais na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió. *Revista Eletrônica Via Litterae*, v. 2, n. 1, p. 75-87, jan. / jun. 2010.

VITÓRIO, E. A alternância ter/haver existenciais na fala maceioense. *Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura*. Ano VI, v. 14, p. 77-85, 2011.

VITÓRIO, E. *Ter/haver existenciais na fala alagoana: variação estável ou mudança em progresso?* 2012. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, 2012.

VITÓRIO, E. As construções existenciais na fala e na escrita. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 14, p. 53-76, dez. 2013.

VITÓRIO, E. Variação nós e a gente na posição de sujeito na escrita escolar. *Revista Letras e Letras*. Uberlândia, Vol. 31/2, jul/dez. 2015.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006[1968].

ZILLES, A. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente? *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 27-44, jun. 2007.

ZILLES, A.; MAYA, L.; SILVA, K. A concordância verbal com a 1ª pessoa do plural em Panambi e Porto Alegre. *Organon*, v. 14, n. 28-29, p. 195-219, 2000.

Data de recebimento: 14/02/2016

Data da aprovação: 12/07/2016